



15 de setembro 10h
NOVAS JANELAS DE EXIBIÇÃO
PARA O CINEMA GOIANO

Transcrição – MESA 2

“NOVAS JANELAS DE EXIBIÇÃO PARA O CINEMA GOIANO”

Link da palestra:

<https://www.youtube.com/watch?v=5OQGS0YfFIA&list=PLkcaFk7ukgQ3TXCZ56Y91pusYhUt0nuB6&index=6>

Integrantes da mesa:

Thiago Camargo (Mandra Filmes)

Daniel Calil (Pira Filmes)

Dr. Rafael de Almeida (UEG)

Rafael de Almeida: “Sejam todas e todos muito bem-vindos ao segundo da SAU, que é um evento muito querido e muito importante para o curso de cinema e audiovisual da UEG. Eu gostaria de começar então, agradecendo a coordenação do evento, a professora Thaís, que tem cuidado de tudo com tanto carinho. A oportunidade de estar aqui também, debatendo e conversando sobre esse tema que tanto nos interessa. E agradecer também a todos os colegas do curso, da universidade, bem como a UEG TV, pela exibição. O tema da nossa mesa redonda de hoje é: Novas Janelas de exibição para o Cinema Goiano e eu vou ter o prazer de contar com a presença de dois realizadores que têm tido experiência nesse sentido. Então gostaria de convidar o Daniel Calil e o Thiago Camargo para a se somarem a nós agora. Sejam bem-vindos, pessoal. [...] Bom, o Daniel Calil, ele é roteirista, diretor e produtor, sócio da Pira Filmes, que é uma produtora audiovisual que foi criada em 2013. Ele escreveu e dirigiu o curta 'E o Galo Cantou' exibido em importantes festivais brasileiros e finalista no grande prêmio de cinema brasileiro de 2017. Ele escreveu e dirigiu também o telefilme 'Felipa e o Foguete', em coprodução com a Globo Filmes e que foi exibido em mais de 80 países. Ele tem diversos projetos voltado para cinema e televisão em desenvolvimento e em 2020 lançou seu primeiro longa metragem, como produtor e roteirista, intitulado 'Atrás da Sombra', que foi licenciado para Telecine e Canal Brasil e presente em diversas plataformas digitais. 'Havia Cinzas dentro de mim', 'Espécie', 'Mais uma Vez' e 'Julho' são outros curtas que ele escreveu e dirigiu. Daniel, muito obrigado por estar aqui com a gente”

Daniel Calil: “Obrigado, Rafael! Obrigado, Thaís, pelo convite, obrigado a SAU e todo mundo que está aí acompanhando a gente. Vai ser um prazer trocar essa ideia aí com o pessoal.”

Rafael de Almeida: “E temos também o Thiago, que é formado em Rádio e TV pela UFG, e é sócio da produtora Mandra Filmes, onde ele é desenhista de som e de trilha sonora musical desde 2004. Como diretor, ele fez o longa documentário 'Eli Camargo - Água da Fonte' e também o longa live-action 'Atrás da Sombra'. Thiago seja muito bem vindo também.”



15 de setembro 10h
NOVAS JANELAS DE EXIBIÇÃO
PARA O CINEMA GOIANO

Thiago Camargo: “Opa, obrigado pelo convite!”

Rafael de Almeida: “Bom, o nosso tema de hoje, como eu havia dito, é 'Novas janelas de exibição para o cinema goiano'. E fazendo uma conexão com o que a gente discutiu ontem, ao longo da mesa que foi mediada pela professora Ana Paula [...] É muito importante a gente perceber que cada vez mais as formas que a gente consome conteúdo rompeu as paredes que antes delimitavam a forma que o produto havia sido pensado especificamente para a TV aberta, para TV paga, para vídeo sob demanda ou sobre cinema. Então quando a gente começa a discutir sobre essas janelas de exibição e quando a gente acompanha esse debate que aconteceu aqui ontem, isso ficou bastante evidente. Então o que o mercado tem apontado? É que é o conteúdo que move esse cenário hoje. Então por isso, talvez o ponto é como gerar melhor experiência digital para os nossos consumidores, para que eles se interessem por todo esse conteúdo que está disponível em diversas plataformas, não é? E inclusive nas redes sociais com a gente também discutiu ontem. Então, assim a gente cada vez mais que projetos que são projetados, que são desenhados para uma determinada janela, eles migram para outras a partir da rentabilidade que eles vão gerando. E aí, a questão aqui, nossa hoje, é poder então discutir um pouco, poder pensar como que o cinema goiano tem se posicionado nesse cenário, a partir das experiências que vocês têm e do diálogo com nosso público. Então nesse sentido eu gostaria de abrir a palavra para vocês e permitir que vocês pudessem também falar um pouquinho da experiência de vocês nesse sentido.”

Daniel Calil: “Acho que é muito importante a realização da SAU, mesmo nesse momento de pandemia, a realização de forma online é uma marco aí para a gente continuar trabalhando, continuar seguindo... Eu acho que o tema é bem pertinente assim e que o que o Rafael comentou é importante, porque muitas vezes a gente pensa no filme para cinema, para festivais e tudo mais. Mas a gente tem que pensar, não só nos filmes, como nas séries, todos os nosso projetos. Que eles tenham ‘cauda’ longa, né? Que é um termo que o pessoal usa muito do tipo: 'Ah, que um curta-metragem lance em festivais, mas que ele possa depois ir para a TV, que ele possa ser exibido na internet, que ele possa ser licenciado para plataformas digitais.' Acho que a gente pensar nessa cauda longa, tanto para um filme ter um público, para ele não morrer depois de um ou dois anos, depois dos circuitos de festivais. Mas também para ele ter uma rentabilidade para os realizadores e para a produtora. Então eu acho que é muito importante discutir isso. Na Pira Filmes a gente tem algumas experiências assim, a maioria dos nosso filmes são de cinema, mas a gente conseguiu depois, levar eles para a televisão e em alguns momentos também, para a internet. Já outros filmes como 'Felipa e o Foguete', que é um filme que a gente fez especificamente para a TV aberta, mas que depois de ser lançado na TV aberta, ele foi para TV fechada, para o Canal Brasil. Hoje ele está disponível na Globo play Brasil e internacional e também através da Globo internacional, foi exibido em diversos países. Então é um pouco sempre essa tentativa de levar o produto para o público. O filme ao público de alguma forma, né? Eu acho que o Thiago tem uma experiência mais forte, assim, em relação a série, que eu acho já é um mercado um pouco mais específico, né? Que muitas vezes você produz para um canal especificamente, então às vezes não tem como pensar tanto nessa ‘cauda’ longa. Ele pode falar um pouco. Eu acho que é importante a gente conversar também, não só como diretores, mas como realizadores e como sobreviver nesse meio audiovisual. Porque muitas



15 de setembro 10h
NOVAS JANELAS DE EXIBIÇÃO
PARA O CINEMA GOIANO

vezes a gente tem pretensão de ser diretor ou diretora, mas é muito importante que a gente também pense em outras funções. Não que a gente vai transitar em todas as funções mas acho que quando a gente está na faculdade, é natural que a gente transite em várias áreas, em vários departamentos. Mas muitas pessoas entram e saem da faculdade querendo apenas dirigir, né? E isso eu acho que é uma pretensão da maioria das pessoas. Mas também tem que ter um consciência que quem dirige, muitas vezes dirige seus próprios projetos, dificilmente vai entrar no mercado como diretor ou diretora. Então pensar que às vezes, com o tempo, encontrar outras funções dentro do cinema, para também poder prestar serviço e poder sobreviver.”

Thiago Camargo: “Então, em relação a essa questão da distribuição, dessas novas mídias, novos espaços, eu acho que a gente teve muito essa experiência com o 'Atrás da sombra' assim. Na verdade a gente já tinha uma distribuição, de certa forma, garantida, sabe? Na sala Cinemark, porque a distribuidora gostou muito do filme. Ela colocou a gente dentro de um projeto que se chama projeto A7. A gente ia passar dentro de 19 ou 20 salas de cinema no Brasil inteiro. Mas como rolou esse lance da pandemia, né? a gente teve que tomar essa decisão de tipo: espera isso passar, que a gente não sabe quando vai passar, quando que as salas de cinema de cinema vão ser seguras, de novo a serem frequentadas e tal... Ou a gente encarava essa distribuição estritamente online, né? E isso, ao meu ver assim, vendo toda a experiência que a gente passou, foi um fator bem positivo porque teve um engajamento muito grande das pessoas. Eu acho que quando você parte para essa distribuição online, tem um alcance muito maior. E eu acho que isso contribuiu muito para o filme. Aqui na Mandra, a gente sempre trabalhou muito com série infantil foi sempre uma premissa nossa, querer produzir séries de TV. Então a gente já está acostumado a lidar com isso já tem algum tempo. A gente produziu algumas séries no edital de TV pública, já estamos produzindo séries para a TV Cultura. Então, é um ambiente que a gente tem um certo costume de trabalhar, mais vinculado às televisões e tivemos essa experiência agora em relação a distribuição de um longa-metragem, que foi uma decisão que eu e o Daniel tivemos que tomar, e que, ao meu ver assim, foi bem acertada. A gente participou de um momento histórico assim dentro do cinema”

Rafael de Almeida: “Bacana! Então, o Atrás da Sombra ele é o primeiro longa do 'Thiaguinho' dirigindo, né? Longa de ficção... Certo, Thiago? E também é o primeiro longa seu, Daniel, como produtor. Então queria que vocês pudessem compartilhar sobre como foi esse processo. De pensar essas estratégias adotadas para distribuição do filme, enquanto o filme ainda na fase de pré-produção, ou mesmo depois que o filme já estava na pós-produção e estava sendo finalizado - e que talvez esse processo tenha se tornado mais intenso. Porque gerar esse desenho da distribuição é fruto de muito estudo, né? Assim, é uma estratégia de fato. O Thiago já adiantou algumas coisas aqui para a gente nesse sentido dessa oportunidade que havia com a Elo Company mas que precisou de ser redesenhada diante da pandemia, né? Desse cenário externo que está sempre influenciando nas nossas decisões. Então acho que vocês poderiam compartilhar, tanto do ponto de vista da direção, quanto da produção. Como que foram essas estratégias para poder pensar a distribuição do filme e alcançar mais janelas, que não somente o próprio cinema no momento em que a gente não pode entrar nas salas de cinema em si.”



15 de setembro 10h
NOVAS JANELAS DE EXIBIÇÃO
PARA O CINEMA GOIANO

Daniel Calil: “Acho que vale dizer que normalmente quando se faz um filme, a carreira comum mais convencional é: você lança o filme em um festival, depois você vai para as salas de cinema, depois você vai para os canais de televisão e de vez em quando você vai para as plataformas digitais, né? Em relação ao 'Atrás da Sombra', apesar de ser um filme que tem uma pegada autoral, uma pegada artística, mas todos nós, a gente sempre discutiu que era um filme que a gente queria romper o nicho de festivais. A gente não queria ficar preso em exhibir em festivais específicos e tudo mais, até por conta do perfil do filme. Então na pré-produção, a gente desenhou, estava sempre pensando que o filme iria para alguns festivais. A gente identificou vários festivais, principalmente festivais fantásticos, festivais de suspense, festivais de nicho e posteriormente iria para as salas de cinema. E a gente sempre almejou também levar para as plataformas digitais, que é uma coisa que, como o Thiago falou, a gente acredita que isso democratiza muito o acesso ao filme, né? Vários filmes nossos, vários curtas, vários projetos a gente está exibindo e o pessoal sempre pergunta: 'ah mais quando que vai exhibir aqui em Goiânia? Quando que vai exhibir aqui em Fortaleza? Quando que vai exhibir aqui no interior?' E a plataforma digital dá essa possibilidade de qualquer pessoa estar assistindo em qualquer lugar, qualquer momento... E aí, a gente fechou com a Elo Company.”

Rafael Almeida: “Desculpa te interromper, mas como que foi para poder acessar a Elo Company? Para poder fechar?”

Daniel Calil: “Foi na pós-produção, a gente não tinha uma distribuidora já definida antes, até por ser um filme. Por ser o primeiro filme do diretor, primeiro filme das duas produtoras, vale dizer que é um coprodução da Pira Filmes com a Mandra Filmes. Então apesar da Mandra, principalmente, já ter uma trajetória comercial bem forte, a gente sempre tinha um feedback de 'É melhor a gente fechar o filme, pelo menos em um primeiro ou segundo corte, para convencer uma distribuidora a apostar no filme', pelo potencial do que a gente vai produzir e tudo mais. O próximo longa da Mandra, ele já tem um contrato com a Elo, então a gente apresentou o filme para várias distribuidoras, mas a Elo foi aí, através desse contato que a Mandra já tinha, a gente conseguiu chegar em um lugar interessante para todo mundo. Vale dizer que para lançar um filme no cinema é caro, muitas vezes mais um prejuízo do que um lucro. É muito mais para fazer a carreira dos filmes mesmo. Mas a gente pensava nessas 'multi-possibilidades' e a gente chegou ali em fevereiro, março, a gente definiu que o filme seria licenciado para o Canal Brasil e Telecine, mas antes, ele iria para as salas de cinema direto[...]. Mas aí veio a pandemia, e a gente teve que cancelar. E aí ou a gente ficaria com filme engavetado durante sabe se lá quanto tempo, porque até hoje as salas de cinema não foram liberadas. Sem contar que tem um fila enorme de filmes, tanto hollywoodianos, como os blockbusters brasileiros aí, as comédias e tudo mais... Tem uma fila muito grande de filmes que estão esperando os cinemas reabrirem, para serem lançados nas salas de cinema. Então a gente pensou 'Vai ser muito difícil competir nesse cenário e quanto tempo a gente vai ter que demorar e vai ter que esperar e tudo mais.’”

Rafael de Almeida: “A concorrência vai aumentar muito, né?”



15 de setembro 10h
NOVAS JANELAS DE EXIBIÇÃO
PARA O CINEMA GOIANO

Daniel Calil: “Sim... E também tem outra questão, né? Quem vai ter coragem de ir em uma sala de cinema? Como que várias salas de cinema estão sendo fechadas, funcionários sendo demitidos.. E aí, a pandemia também por um lado, ela trouxe essa demanda de muito conteúdo sendo consumido em casa. Quando a gente conversou com a Elo, ela falou 'tem essa demanda, tenho interesse muito grande em filmes inéditos'. Então a gente tomou essa decisão, lógico que a gente sempre ficava 'nossa, mas e o cinema?!' e não sei o quê e tal... Mas a gente quis aproveitar essa onda para lançar o filme logo, porque a gente também queria que as pessoas vissem, acho que era um momento importante também de exibir o filme. Então a gente apostou nessa estratégia, principalmente porque eu acredito que a pandemia, ela veio para potencializar e acelerar alguns processos né? Porque 10 anos atrás nenhum filme ia para... Nem tinha plataformas digitais, né? E era muito difícil do filme chegar na TV sem ter percorrido festivais, sem ter feito”

Rafael de Almeida: “É da chancela assim, de qualidade que os festivais acabam dando.”

Daniel Calil: “Então eu acho que a pandemia acelerou um pouco esse processo. E aí foi mais ou menos isso assim. A gente está em várias plataformas, agora Outubro, Novembro o filme vai ser exibido no Canal Brasil e na Telecine. A gente está estudando possibilidades também de exibir o filme em Cine Drive-ins, porque é uma outra nova janela que está começando aí, que é uma janela paralela ao cinema. E é isso”

Thiago Camargo: “Pois é, o Daniel já falou tudo, né cara?! Mas quanto a parte de direção eu acho que é um momento muito legal assim, apesar de tudo que está acontecendo. A gente poder estar entrando nas casas das pessoas e as pessoas com um apetite de assistir e demandando coisas. É então, em um primeiro momento, o que pareceu ser um balde de água fria, [...] a gente conseguiu reduzir os custos disso, por causa da exibição em sala de cinema, que é cara. E a gente conseguiu atingir um público muito maior, eu tenho certeza disso. Assim, a gente não recebeu ainda dados de como foi essa divulgação, mas eu vi que teve uma repercussão boa, um engajamento bom nas redes. Até a Vera Fischer compartilhou o nosso filme no perfil dela, saca?! Foi assim, para mim, bem inusitado. E ela recomenda assim, só clássicos... E eu nem conhecia na verdade, esse perfil da Vera Fischer”

Rafael de Almeida: “Isso foi em que rede social?”

Thiago Camargo: “Ela fez isso no Twitter e no instagram!”

Rafael de Almeida: “Nossa!”

Daniel Calil: “Ela tem uma hashtag, que é uma hashtag que já é, assim, bem forte, que é 'Vera Fisher indica'. E aí até ela comentou que foi a primeira vez que ela indicou um filme brasileiro inédito assim. Na verdade o 'Atrás da Sombra' foi um dos primeiros filmes na história que foi para a plataforma direto, de forma inédita mesmo. Então para a gente é uma experiência muito nova, né? E é isso que o Thiago falou, a repercussão foi muito positiva”



15 de setembro 10h
NOVAS JANELAS DE EXIBIÇÃO
PARA O CINEMA GOIANO

Thiago Camargo: “É e foi uma coisa assim, a gente não tinha, digamos, o aval, o carimbo, de nenhum festival de cinema...A gente não passou em nenhum festival de cinema e já caiu de cara no mercadão mesmo! Democratizou, cara. Ficou muito mais fácil, ao invés da pessoa ter que, tipo, ir em uma sala Cinemark, sei lá, pagar um tanto de ingresso, que não é barato, né? Você pagar o estacionamento, sei lá, o que a pessoa com R\$ 5, R\$ 5,90, ela conseguia ver o filme. Então assim, isso aumentou muito o escopo de gente que está assistindo, cara.”

Daniel Calil: “Ela e a família dela inteira, né ‘Thiaguinho’? Dava para reunir...”

Thiago Camargo: “Pois é, então! Além disso, o cara paga um filme, várias pessoas assistem!”

Rafael de Almeida: “Assistem. Ótimo. Bacana! Bom, eu queria mudar um pouquinho aqui o nosso tópico, para poder falar um pouco sobre a experiência da 'Felipa e o Foguete', né? Que é esse trabalho que o Daniel fez e foi coproduzido com a globo filmes. Que tipo de reverberação esse processo de distribuição gerou para o filme. Assim, como que foi esse processo de gerar o telefilme que foi exibido primeiro na TV e depois alcançar toda essa trajetória? Que tipo de esforço de produção que foi desempenhado para poder conseguir aumentar essa ‘cauda’ aí do filme?”

Daniel Calil: “‘Felipa e o Foguete’ foi uma experiência bem particular, inclusive tenho que mencionar que é uma direção minha com Danilo Daher. [...] Foi muito importante toda a participação da equipe, a gente teve uma equipe majoritariamente goiana inclusive os atores e foi uma experiência bem bacana porque foi a primeira vez que a gente foi convidado para apresentar alguns projetos para a televisão. Algumas pessoas de Goiás foram convidadas para apresentar projetos junto com a Globo filmes, iniciativa da Globo e que já tinha uma parceria fechada com a TV Anhanguera. Então a TV Anhanguera já iria exibir, seria um especial de fim de ano e tudo mais. Então a gente apresentou o projeto, deu certo de ganhar e tudo mais...”

Rafael de Almeida: “Daí esse convite foi feito pela própria TV Anhanguera? Ou não?”

Daniel Calil: “Na verdade esse convite foi feito pela própria Globo filmes. A Globo Filmes que identificou algumas pessoas. Seis realizadores que apresentaram projetos e os projetos eram bem embrionários. O projeto a gente aprovou como uma sinopse. É um esquema muito diferente. Porque normalmente você desenvolve por muito tempo um projeto, coloca no edital já com o roteiro bem encaminhado. E aí depois você aprova, depois de um tempão você recebe o recurso. O 'Atrás da Sombra' mesmo a gente inscreveu em 2014, aprovou em 2016 e gravamos em 2019... Os tempos foram bem dilatados. Já o Felipa, a gente aprovou com uma sinopse e a gente tinha 6 meses, até um pouco menos. Foi uma loucura assim. Para escrever, pré-produzir, produzir e lançar, porque tinha uma data então não tinha como fugir dessa data. Então o maior desafio mesmo, de produção, foi esse... Encarar esse desafio de produzir e de produzir para um público mais amplo. A gente sempre teve essa ideia de que a gente vai para TV aberta, então a gente tem que dialogar com um público mais amplo o possível, a gente não quer fazer um filme que seja que não tenha um tema por



15 de setembro 10h
NOVAS JANELAS DE EXIBIÇÃO
PARA O CINEMA GOIANO

trás, que não tenha um conceito por trás. Então era alinhar a questão artística com essa questão também de um público mais amplo. E aí o filme foi para a TV Anhanguera e aí a gente não tinha nenhuma confirmação de que para onde ele iria depois. Assim, a gente não tem uma distribuidora, a Globo Filmes encarava o filme como 'Vamos ver como vai ser a repercussão local para depois a gente ver os próximos desdobramentos'. Mas durante todo processo, já na pós-produção eles já falaram 'esse filme aqui vai para outros lugares' e aí aos poucos foi rolando essa possibilidade da gente licenciar para o Canal Brasil, direto ele passa lá. A gente fica sabendo mais as primeiras exposições né? Então depois a gente fica sabendo o que passou porque alguém viu e falou para o ator, alguém viu e falou para alguém da equipe, enfim... E aí rolou esse lance também de ir para a Globo Internacional. Então ele passou na Globo Internacional em vários países na TV mesmo. Na sequência foi para Globo Play Brasil e depois para o Globo Play Internacional. Então a gente conseguiu com a qualidade do filme, com a temática dele e tudo mais, alcançar essas 'multi-janelas' aí. É um filme que ele não pode ser, por exemplo, disponibilizado no Youtube ou oferecido para outro canal, porque a gente já tem os contratos de exclusividade e tudo mais.”

Thiago Camargo: “[...] O Daniel teve essa experiência com 'Felipa e o Foguete', eu acompanhei bem essas coisas porque a gente troca muita ideia. A nossa relação mesmo assim com o estar fazendo o Pitching, apresentando para as TVs, participando de Nordeste Lab, Rio Content Market... A gente vê se você não tiver uma clareza, tipo, para que público você está fazendo cara, tipo, você já dançou. Podem falar 'cara seu projeto é lindo, muito massa, mas não quero isso... Isso não funciona para mim, meu público não é esse'. Na verdade assim, os players, a galera de televisão são muito claros e muito diretos nisso, sabe? Tipo 'isso é o que eu preciso, você tem isso? Não?' então seu projeto, de certa forma, é até uma perda de tempo, ficar apresentando um projeto que não tem nada a ver com o canal, para onde você quer, né? [...] Enfim, acho que a pessoa tem que ter clareza e entendimento de saber o que que ele está querendo fazer com o filme dele, sabe? Nesse sentido assim de saber 'não, esse projeto meu, eu quero fazer uma coisa autoral, não tenho problema nenhum nisso', 'Não, esse projeto meu, eu quero fazer para um escopo maior, eu quero uma pegada comercial, que atinja aquele tio que está lá vendo Netflix e trabalhou o dia inteiro, está cansado e quer ver uma coisa ali só para distrair a mente, sem ficar relativizando, subjetivando demais as coisas, que só dão entretenimento para ele' sabe? Tendo essa clareza...”

Rafael de Almeida: “Você acha que... Sim, não... Eu ia perguntar na verdade se você acha que essa versatilidade do perfil do produto, da produtora, ela influencia na manutenção da própria produtora, né? Digo, isso faz com que a produtora consiga aí, se manter, se ela consegue aí rodar vários pratos ao mesmo tempo, né? Ou seja, projetos destinados públicos distintos...”

Thiago Camargo: “Com certeza! Porque assim, no final das contas assim, a galera, por exemplo, da UEG, que está estudando... Acredito que todo mundo quer virar um profissional da área, né? E assim, chega uma hora que boletos não se pagam sozinhos, né? A gente vivia um clima muito bom, uma época muito boa



15 de setembro 10h
NOVAS JANELAS DE EXIBIÇÃO
PARA O CINEMA GOIANO

assim do financiamento do cinema autoral, do curta-metragem, que foi uma coisa assim, teve um boom como nunca teve, né? No governo passado... Nos governos passados, né? Isso então fomentou muita gente. Vendo a possibilidade a possibilidade de trabalhar, de viver disso... De falar 'cara, isso pode virar uma profissão'. É uma coisa que, tipo, aconteceu. Agora a gente já entrou assim, em uma época que o governo está jogando totalmente contra a área cultural. Eu vejo que tem muita gente assim, que está tentando fazendo força, tentando continuar, mas chega uma hora que a realidade bate às portas, né? Ou o boleto bate às portas, né?! Então você tem que dar um jeito de se manter é uma coisa que é interessante, que a gente estava até discutindo antes da live, né? Era que a galera tem que entender que assim, que é bom você ter uma especialidade que não seja só direção, que o Daniel comentou também. Que você seja um fotógrafo, seja um produtor, seja um técnico de som, seja um figurinista, seja um diretor de arte... Para poder ir executando esses trabalhos no âmbito comercial, para te manter e a hora que você tiver a oportunidade para você pode realizar seus projetos pessoais assim, porque a gente viver só de projeto pessoal, ainda mais com essa virada que deu, juntando um governo que quer dizimar a cultura, né cara? [...] A gente tem que ter esse entendimento de como funciona isso, onde a gente está inserido, né? E tentar se manter”

Rafael de Almeida: “Perfeito! Concordo com você. Assim, isso não significa nenhum tipo de demérito né? Nem para a produtora e nem para o próprio profissional, né? Ou seja, ela pode conduzir uma série de projetos autorais, destinados para essas janelas diversas, bem como projetos comerciais também, né? Ontem na fala do Beto Gauss, por exemplo, isso ficou muito evidente também. Ele também falou bastante sobre isso assim, que um dos braços da Pródigo filmes se destinava para produzir conteúdo que interessaria a empresa especificamente, ou seja, a empresa entra com patrocínio direto para poder produzir aquele conteúdo, e que daí ia direto para internet. Então isso se dá nesses dois âmbitos tanto no âmbito das empresas produtoras quanto no âmbito dos próprios profissionais.

Daniel Calil: “[...]. Então eu acho que é muito importante esse lance de pensar em se especializar assim, porque... E aí 'se especializar em direção', cara, especializar em direção, tipo, é muito difícil. Você falar 'eu vou sair da faculdade como um diretor e sou diretor'... Eu tenho alguns anos de mercado e acho que eu tenho uns 6 curtas, né? Um telefilme, um piloto e tudo mais... E eu não me considero um diretor, eu não me coloco no mercado como um diretor. Eu me coloco no mercado como um produtor executivo, como assistente de direção, as vezes até como roteirista... Mas é muito difícil se colocar no mercado como um diretor. Acho que diretor e diretora é muito mais uma trajetória e com o tempo você vai ganhando. Até porque para você ter um 'know how' como diretor, você também tem que ter bagagem de set, né? E essa bagagem de set pode ser como assistente de direção, pode ser como técnico de som, pode ser como assistente de produção, enfim. Percorrendo essas outras funções que você também vai ganhando bagagem de set, né? E aí sobre esse lance do perfil, eu acho que assim, é natural que, principalmente na faculdade, você falar 'vou fazer um filme para mim, não vou pensar no público', mas com o tempo é inevitável você não pensar no público, nem que você ache 'o público do meu filme são os meus colegas de faculdade, são essas pessoas de tal festival'...”



15 de setembro 10h
NOVAS JANELAS DE EXIBIÇÃO
PARA O CINEMA GOIANO

Rafael de Almeida: “Perfeito. Eu vou incluir aqui na discussão algumas pessoas que tem comentado com a gente. Um pergunta que chegou é da Ana Paula Castro e ela questiona se, na opinião de vocês, incluir atores conhecidos, se isso influencia mais na busca por assistir um determinado longa goiano ou por garantir uma distribuição maior, né? E mais efetiva aí em outras janelas?”

Daniel Calil: “Essa pergunta é fácil!”

Thiago Camargo: “Com certeza, né? Assim, a gente mesmo viu assim... Quando chegou no os atores para convidar eles... Nosso longa é um longa 'B.O', né cara? O que que a gente tinha, eu até conversava com o Daniel e falava 'cara, vamos apresentar para o pessoal, o não a gente já tem, então vamos apresentar porque, tipo, a gente chegou nessa decisão, né?'... A gente tinha o nosso roteiro, a nossa história para convencer o pessoal, porque assim... Dois produtores iniciantes de Goiás, com um longa 'B.O.', uma equipe que tipo, os caras ninguém conhece, ninguém nunca ouviu falar. E a gente tinha um roteiro com a história. Então assim, o que convenceu... A gente não tinha cachê alto para pagar para eles! Então o quê que convenceu eles foi justamente a história e topar assim, entrar nessa barca com a gente, saca? Porque assim, a gente não tinha outra forma de convencimento, né? Mas teve engajamento muito massa assim, todos os atores que a gente trocou ideia, gostaram muito da proposta, e a gente foi conseguindo montar um elenco de peso. Na verdade no começo, a gente nem pensava que a gente conseguiria montar um elenco desses. Esse foi um dos fatores determinantes assim, tanto para a distribuidora comprar a ideia do filme... Ser, durante um tempo, o filme principal de distribuição dela, quanto para o engajamento das pessoas, né? Em rede social, porque todos os atores ajudaram muito na divulgação assim... Divulgando seus perfis, chamando público, participando das lives com tipo, maior boa vontade assim, jogando junto mesmo assim. Então isso foi fundamental cara, porque não tem jeito, né? Quando você tenta se inserir dentro desse circuito comercial, a pessoa vai querer ver a pessoa tipo... A pessoa que é famosa, a pessoa que ela gosta da atuação, enfim. Ela vai querer... Isso é de certa forma é um carimbo que o filme ganha da pessoa falando assim 'nossa ele está participando desse filme, então esse filme'... Enfim.”

Rafael de Almeida: “Perfeito! O Marcelo Costa, o professor, está perguntando para gente: 'Thiago, pensando na sobrevivência das produtoras, na sua opinião, qual a importância da formação, no campo do empreendedorismo e gestão de negócios para profissionais de cinema e de audiovisual?’”

Thiago Camargo: “Marcelo, eu acho fundamental ter esse tipo de abordagem dentro da universidade, sabe? Porque é igual o que eu estava falando, né? É isso que vai manter o profissional na área, né cara? A gente precisa ter essa visão empreendedora de negócio. A gente da cultura, é aquele negócio, né cara? A gente tem que pensar artisticamente, a gente tem que pensar de um forma bem pragmática as coisas. A gente tem que ser administrador, a gente tem que ser financeiro. Então assim, essa formação multiprofissional, nem que não seja uma formação muito especializada, mas a gente tendo essa noção de como gerir o negócio e saber trabalhar essa coisa dos períodos de alta saber gerenciar isso e ter essa visão empreendedora, que eu acredito



16 de setembro 10h
NOVAS JANELAS DE EXIBIÇÃO
PARA O CINEMA GOIANO

que é você conseguir exercer uma função, apesar de você não estar gostando muito do trabalho do conceito dela, mas sabendo que aquilo que vai te manter no jogo, te manter no mercado, para você conseguir produzir, é a forma que eu penso. Então eu acho assim fundamental ter esse estudo, a parte teórica, conceitual, é também bastante importante.”

Daniel Calil: “E acho que é importante, não só para a produtora, para a pessoa que tem pretensão de ter uma produtora, mas como se você vai produzir, tem que pensar na gestão daquele projeto, né? então eu acho que é fundamental mesmo, concordo completamente com o Thiago. É claro que nem todas as pessoas vão se interessar e vão ter aquela capacidade, não por falta de talento, mas por falta de interesse mesmo. Eu mesmo sinto falta de ter estudado mais a fundo isso, porque talvez, se eu tivesse tido mais teoria e mais ensinamento sobre isso nos meus estudos, eu não teria batido tanto a cabeça, né?! A gente vai andando e aprendendo, batendo a cabeça e aí, enfim... A gente acaba errando algumas coisas também, acaba estourando orçamento, acaba não conseguindo controlar as contas da produtora, ou de casa... Então acho que isso é fundamental.”

Rafael de Almeida: “Perfeito. Eu acho que seria importante a gente poder discutir um pouquinho sobre isso, da importância dos encontros com os players, né? Se em geral vocês já levam esses projetos em qual estágio de desenvolvimento para os players, ou se acontece também de algum player demandar alguma coisa específica para as produtoras, a partir de uma relação prévia. Isso se faz importante sobretudo porque a gente está tratando um cenário de produções, como vocês estão dizendo, que são 'B.O', ou seja, são filmes feitos com baixo orçamento. Então nesse sentido acho que poderia interessar para a gente entender como estreitar essas relações com esses players, para poder fazer aumentar esse alcance, né? Dos nossos produtos.”

Daniel Calil: “Eu acho que assim, vale destacar essa questão do termo 'B.O.' né? Que é Baixo Orçamento, então assim, um longa de um milhão e poucos é baixo orçamento. Se for considerar em São Paulo ou no Rio, um longa de até três milhões é baixo orçamento, né? E um longa de três milhões em Goiás seria um orçamento super bom... Eu acho que diálogo com os players, Rafael, depende muito do formato. Um curta-metragem, você nunca vai mostrar um roteiro do curta-metragem. Apresentar um roteiro de um curta-metragem para um player, a não ser que seja por uma chamada muito específica, que eu particularmente acho que eu nunca ouvi. Basicamente os players... É muito difícil você chegar em players - canais, plataformas digitais - sem ter uma distribuidora. Então normalmente você apresenta para as distribuidoras antes... Então o primeiro contato é com os distribuidores, muitas vezes você apresenta antes, mas para fechar uma distribuidora grande ou uma distribuidora média boa. Muitas vezes você vai ter que ter um primeiro ou segundo corte do filme, para ela acreditar no seu filme, a não ser que você já tenha um nome X e tudo mais, uma trajetória.[...] Os locais em geral são nesses eventos: O Nordeste Lab, Rio2C... Em Goiás a gente tem um evento muito importante que é o SAPI. Tem o Mercado de Brasília, que acontece durante o festival de Brasília. [...] A gente apresenta direto projetos para a Globo Filmes, a gente se envolveu para uma parceria de confiança, também. Mas... Esse lance que você perguntou sobre a demanda, acontece mas acontece mais



15 de setembro 10h
NOVAS JANELAS DE EXIBIÇÃO
PARA O CINEMA GOIANO

no Mercado do eixo, assim..Porque queira ou não, não tem como fugir que os canais grandes só vão entregar a grana grande na mão de produtoras que já realizaram, né? Então assim, as primeiras produções você vai ter que ralar mais para chegar. Por isso que é tão importante fazer muitos curtas, porque a partir do momento que você faz um curta que foi exibido em tal festival, aí o player começa a olhar para você de forma diferente.”

Rafael de Almeida: “Ótimo. Isso que você falou dos players principais às vezes preferirem essas produtoras que estão dentro do eixo esse momento, né? Se conecta com uma pergunta que o Gleig está fazendo aqui para gente, que é sobre um artigo que a ABC fez recentemente, sobre do mercado fora do eixo RJ-SP, e que não incluiu profissionais goianos ou produtoras goianas. E aí ele questiona porque que vocês acham que isso ainda acontece?”

Daniel Calil: “Eu não vi esse artigo. Eu acho que Goiás cresceu muito. Se for parar para pensar, 10 anos atrás a gente não produzia um longa-metragem. Ano passado acho que tivemos 4 ou 5 sets de longa em Goiás. Goiás estava em Berlim com Vento Seco, Tiradentes todo tem um filme goiano lá. Só que queira ou não tem outros mercados foras do eixo que são mais fortes tipo... Pernambuco está aí, com investimento de políticas públicas já há mais de uma década. Brasília também já tem toda uma trajetória aí de realizadores antigos e já tem também mais financiamento público... Rio Grande do Sul, Paraná, Bahia. Então assim, a gente está chegando, está encostando aí nesses estados. Não sei exatamente o porquê, mas é isso tipo, tem o eixo, tem o fora do eixo, tem o fora do fora! E tem ainda... Eu acho que a gente está alcançando aí esses estados que são fora do eixo já com relevância. Cada vez Goiás está alcançando essa relevância.”

Rafael de Almeida: “É um processo, né? Isso que você fala, esse exemplo que você dá de Pernambuco, eu acho que ele é muito sintomático, de que para que haja essa consolidação, a ponto de que haja esse destaque nesses veículos maiores, né? Isso exige um investimento público ao longo de muitos anos, né?”

Daniel Calil: “Não é uns dois, três anos que vai resolver isso.”

Rafael de Almeida: “ Exato. Por exemplo, o fundo de arte e cultura do estado de Goiás, ele de fato... Ele impactou muito nas produções... Que a gente executou assim, sem dúvida nenhuma. Mas isso de viver sobre as intempéries de mudanças de governos... 'Está mantido, não está mantido, cai e não cai... Aprova e não recebe, espera tanto tempo...'. Isso impacta, sem dúvida nenhuma em uma continuidade e na consolidação que é de uma imagem simbólica mesmo, né? do Cinema produzido aqui.”

Rafael de Almeida: “Eu queria aproveitar, porque a gente já está quase caminhando para o fim... Para poder fazer uma última pergunta aí para vocês dois e permitir que a gente se mantivesse aí , com isso em mente. É notável pela carreira que vocês têm construído, né? Que assim como outros realizadores, os curtas-metragens eles assumem uma importância grande. Para vocês ao longo desse processo que vocês tem trilhado, independente das várias funções que vocês executam a depender dos projetos. Então talvez fosse interessante



15 de setembro 10h
NOVAS JANELAS DE EXIBIÇÃO
PARA O CINEMA GOIANO

a gente ouvir um pouco como que vocês enxergam isso, né? Assim, de que forma que vocês lidam com as distribuição e a busca de janelas de exibição, também pelos curtas-metragens, né? E como esse aprendizado que aconteceu ao longo de muitos anos, impactou nas estratégias que foram traçadas para distribuição desses projetos de telefilmes, de longas e de séries, que vocês tem desenvolvido nesse momento.”

Thiago Camargo: “Eu vejo assim, o curta-metragem como uma oportunidade ótima de experimentação, sabe? Que você acaba que você encontra o seu caminho fazendo curta-metragem. Que é uma coisa mais rápida de ser produzida, as vezes assim, ainda mais na época de faculdade né? Eu quando estudei na federal, nossa, a gente gravava com Betacam, saca? A gente editava filme até nas ilhas de edição não lineares e tal... E é uma coisa assim, é uma fase que a gente tem que aproveitar mesmo para experimentar, e tal... Mas também, dentro do curta-metragem, acho extremamente importante a gente também tentar produzir curtas narrativos, sabe? A gente fazer o narrativo clássico, o passo a passo, para gente entender para saber desconstruir isso. [...] Então assim, eu acho que é uma época muito boa de se experimentar, de estar testando tudo, porque nesse processo de fazer, errar, acertar, dar 'rata', falar 'nossa ficou massa' e sei lá o que... Aí que você vai construindo o seu caminho e vai entendendo assim, 'Ah cara, o que eu acredito, o que eu contar é por aqui', sabe?”

Daniel Calil: “É, total! Eu acho que no curta você consegue experimentar uma narrativa clássica, você consegue experimentar uma narrativa mais experimental, ou uma narrativa um pouco mais sentimental, enfim... E ao mesmo tempo, você também consegue experimentar um curta narrativo clássico com uma quebra, enfim... E por outro lado, acho que é onde você pega bagagem, tanto para dirigir, como para a gente se entender assim, em qual função que você se encaixa, o que que você quer realmente fazer ...”

Rafael de Almeida: “[...] Pessoal, uma ótima discussão. Eu agradeço demais cada um de vocês, pelas falas, pela disponibilidade de estar aqui com a gente e pela generosidade de compartilhar esses processos. Eu acho que em um momento como esse, estar aberto e poder discutir de forma tão franca e sincera, é também o que nos motiva a seguir lutando pelo tipo de cinema que a gente acredita e em prol de uma melhora para todos os envolvidos nessa cadeia produtiva, né? Então agradeço demais a presença de cada um de vocês e, enfim, deixo a palavra aberta para vocês poderem aí, se despedirem do nosso público, né? Agradeço a participação de todos, a organização do evento, que eu acho que foi uma mesa muito bem pensada, em um momento muito oportuno. Então obrigado também pela oportunidade de estar aqui com vocês e pela UEG TV de estar exibindo isso aí e de permitir que outras pessoas tenham acesso a isso depois. Então a gente encerra aqui o segundo dia da SAU. A gente se encontra amanhã. Um abraço para vocês e até próxima.”